

CAÇADOR, RECORTES DE SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DE IMAGENS

Reconstrução Histórica do município de Caçador-SC, a partir dos usos historiográficos da fotografia na construção da história local.

FÁBIO LUÍS CABRAL

FÁBIO LUÍS CABRAL

CAÇADOR, RECORTES DE SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DE IMAGENS

Reconstrução Histórica do município de Caçador-SC, a partir dos usos historiográficos da fotografia na construção da história local.



Caçador
2020



Reitor Pro Tempore
André Dala Possa

Diretora do Campus Caçador
Danielle Regina Ullrich

Chefe do Departamento Ensino, Pesquisa e Extensão do Campus Caçador
Bruno Santos Vieira

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SANTA CATARINA – IFSC**

Reitoria - Rua 14 de julho, 150, Coqueiros, Florianópolis / SC.

Autor

Fábio Luís Cabral

Coautor

José Lucas de Lourenssi Oliveira

Agradecimentos

Júlio Cezar Corrente

Ricardo de Campos

Catálogo na fonte pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Santa Catarina - IFSC

C117c Cabral, Fábio Luís

Caçador, recortes de sua história através de imagens: reconstrução histórica do município de Caçador-SC, a partir dos usos historiográficos da fotografia na construção da história local [recurso eletrônico] / Fábio Luís Cabral, José Lucas de Lourenssi Oliveira. - Caçador: Publicações do IFSC, 2020.

58 p. : il. color.

Publicado também em versão impressa.

ISBN 978-65-88663-08-0

1. Caçador (SC) - História. 2. Caçador (SC) – Coleções de fotografias.
I. Oliveira, José Lucas de Lourenssi. II. Título.

CDD 981.64

Prefácio

A História se faz tão necessária para a humanidade, que nos lança aos saberes guardados em múltiplos lugares percorrendo diversos caminhos, onde o resultado final é esse maravilhoso resgate da memória de um povo. Este trabalho com imagens, percorrem as veias da história das famílias pioneiras da Região do Contestado mais precisamente no Município de Caçador pertencente aos diversos grupos étnicos aqui residentes com muita bagagem histórica.

Professor Fábio Cabral, do IFSC e agora no IFSP, idealizador do livro e José Lucas, seu coautor, realizaram um brilhante trabalho, onde juntaram as “gotas” da história das famílias e produziram uma das mais relevantes obras da história de Caçador, evidenciando essas famílias caçadorenses em todos os aspectos no processo de construção do nosso tempo, bem como as belas imagens de outrora do nosso município, antes vistas apenas nos arquivos pessoais destas famílias e do nosso museu.

Fica aqui um estímulo de valorização de nossa sociedade com uma obra que se traduz em sentimentos familiares.

Boa leitura!

Julio Cezar Corrente
Historiador.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1: O Processo da Fundação Histórica do Município de Caçador.....	3
Capítulo 2: Famílias que fizeram parte direta ou indiretamente da fundação de Caçador-SC.....	34

INTRODUÇÃO

A fotografia como fonte

Talvez boa parte da população da cidade de Caçador desconheça sua história, isto é, todo o passado vivido por seus ascendentes que é estudado através de vestígios materiais que sobreviveram ou foram mantidos, de algum modo, na cidade.

Estes vestígios são chamados de “fontes históricas” e podem ser documentos oficiais e pessoais, jornais, cartas, documentos cartoriais ou religiosos, peças de museus e/ou fotografias. Todos estes têm sido muito utilizados na escrita da história atualmente, mas, no presente álbum o que mais se destacará será a fotografia. A imagem como fonte.

Analisar uma imagem ou uma série delas é um trabalho minucioso, que requer muita atenção e dedicação pela história local. A imagem, por um lado, pode ser vista como um “documento”, uma vez que pode nos informar sobre um cenário que as palavras talvez não consigam descrever.

Por outro lado, a imagem também pode ser um “monumento”, isto é, uma obra produzida por um fotógrafo que ao dar o “clic” teve a intenção de eternizar uma determinada paisagem à posteridade. Assim, a imagem é uma escolha dentro de um conjunto de escolhas possíveis.

O presente álbum pretende levar à população caçadourense os detalhes de uma época retratada pelas lentes de fotógrafos anônimos. Além disso, muitas fotografias não apresentam datas de suas publicações, mesmo assim podem chamar a atenção para determinadas construções, paisagens e personagens de Caçador no começo do século XX.

Ao analisar um período como a Primeira República (1889-1930) através de imagens, o historiador pode propiciar à cidade o visual das tradições e a modernidade sentida na cidade daquela época. E é esta a intenção principal deste primeiro volume do álbum, apresentar a paisagem de Caçador no início do século XX e suas primeiras décadas, sua formação, seu desenvolvimento e a trajetória histórica daquele período.

É uma interessante viagem num passado não tão distante assim, mas que tem muito a oferecer ao presente.

A Origem

A história do município de Caçador está literalmente ligada a natureza, tanto a fauna e a flora, onde representam parte significativa ao nome recebido pelo município em questão.

Sendo assim, o nome “Caçador” começou a ser conhecido e falado com o início da colonização e ocupação do território, que hoje faz parte do município, isso no ano de 1881 quando uns dos primeiros moradores, o senhor Francisco Correia de Mello, caçador, fixou residência no local e, posteriormente registrou as terras com a denominação de Fazenda Faxinal do Bom Sucesso.

Cumprer ressaltar, que neste mesmo interim, a questão de divisas entre Santa Catarina e Paraná estavam sendo contestadas e julgadas em tribunais federais. Daí o nome Contestado, que mais tarde entre os anos de 1912 - 1916, ocorre o principal acontecimento histórico que marcou profundamente a história local e regional, levando à eclosão da denominada Guerra do Contestado, um dos grandes marcos da história do país, pouco estudado nas demais regiões do Brasil, mas profundamente marcado na história do caboclo destas regiões, tamanha a crueldade deste conflito.

Assim, o nome é efetivamente consolidado com a construção da ferrovia SPRS (Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande), iniciada no trecho do contestado em 1907, entre Paraná e Santa Catarina, fato este, que possibilitou a inserção de Caçador no mapa geopolítico brasileiro, em decorrência que, em maio de 1910 foi então inaugurada a estação do Rio Caçador, nome este, proveniente de um pequeno rio afluente do Rio do Peixe.

Este fato, ou seja, a criação da Estação Rio Caçador foi um dos episódios que consolidaram o nome do município e, que, mais tarde, no ano de 1923, fora criado o distrito de Rio Caçador, pertencente ao município de Campos Novos-SC.

Ainda neste decênio, com a chegada de um grande número de colonizadores, a construção de uma ponte sobre o rio do peixe uniu, o Distrito do Rio Caçador, com a Vila Caçador, que posteriormente passou a ser chamado de Distrito de Santelmo, criado em 1928 pertencente ao município de Porto União.

Desta forma, no ano de 1928, um dos mais decisivos para Caçador, fora criado o Ginásio Aurora, no Distrito de Santelmo, colégio este, determinante para consolidação do município no ano de 1934, ou seja, este colégio foi fundamental para formação dos moradores da região e peça fundamental para solidificação deste, tendo em vista, que neste interim da história do Brasil, estes eram os mecanismos de desenvolvimento propícios à formação de uma cidade, na qual Caçador passaria a ter.

Assim, iniciou a corrida para o desenvolvimento do recém criado Município de Caçador, na Região do Contestado, que já nas primeiras décadas (1930 e 1940) recebeu um grande número de novos colonizadores provenientes do estado vizinho, Rio Grande do Sul, em sua maioria, de origem italiana. Cumprer ressaltar, que não podemos omitir, em hipótese alguma, a existência dos primeiros moradores da região e que estão presentes nesta obra, qual seja os povos Kaingang e Xokleng, retratados pelas lentes das câmeras dos colonizadores e inerentes nesta obra.

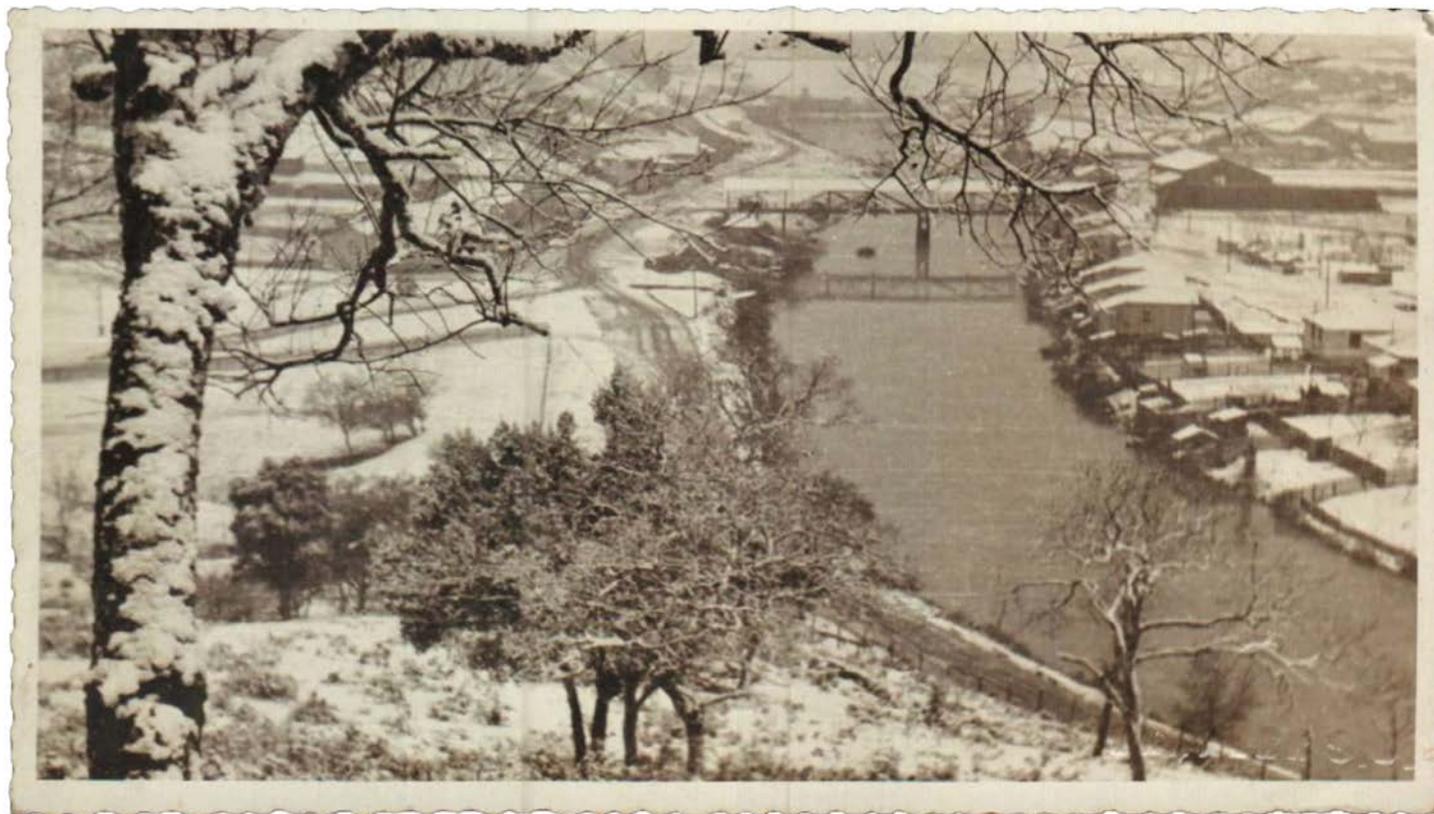
Sendo assim, a economia local do município iria se demonstrar na vocação madeireira, já nos anos 1940, onde Caçador consolida essa identidade econômica, ficando conhecida como a capital brasileira do pinho, economia crescente nos anos posteriores mantendo-se como principal economia até o tempo presente

As conquistas de Caçador durante seus 138 anos de história, são provenientes do trabalho dos caçadorenses, tendo como herança a humildade e a fé do povo caboclo do Contestado, da vontade e determinação dos colonizadores de origem de vários países, bem como dos nativos desta região, juntando com umas das terras mais produtivas do Brasil, a belíssima história deste município retratada em fotos, neste livro.

Metodologia

A metodologia adotada demonstrou, que a cada novo tipo de imagem estudado, a partir da imagem fotográfica, nós pesquisadores fomos obrigados a atualizarmos sempre o método de análise, para podermos adequá-lo à sua materialidade significativa, ou seja procuramos evitar imperativos e guardar a personalidade na pesquisa. Assim, todo o aspecto metodológico, esteve longe de ser um receituário, porque nunca ficamos passivos diante de uma imagem, mesmo que está incitava nova imaginação sobre um passado, a partir de uma materialidade insistentemente vista nas imagens (MAUAD, 1996). Desta forma, cruzamos os depoimentos dos familiares, que contribuíram com o fornecimento das imagens para que esta pesquisa se concretizasse, bem como dos acervos do Museu do Contestado, para manutenção significativa da impessoalidade e materialidade desta pesquisa da cidade de Caçador-SC.

Capítulo 1 - O processo da fundação histórica do município de Caçador



Na era dos cartões postais (utilizados no final do século XIX e início do XX), em virtude do barateamento das fotografias, o acesso a eles foi estendido, inclusive às pessoas com pouco poder aquisitivo. A imagem em questão mostra um dos pontos turísticos da cidade de Caçador (o local atualmente é ocupado pela rodoviária e pelo parque central) após uma precipitação de neve, fato corrente no município e atração para muitos desta região. Na parte de trás do cartão, havia espaço para o remetente escrever uma mensagem ao seu destinatário.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Ao contrário do que muitos imaginam, os primeiros habitantes do município de Caçador foram os índios da tribo Xokleng e não os portugueses e outros povos europeus. O primeiro contato deste povo indígena, com os colonizadores foram com os funcionários do Serviço de Proteção ao Índios (SPI), a partir de 1914 e que por sinal acabaram sendo sendo amistosas, por diversas vezes. Podemos citar ainda, a presença de outras tribos existentes na localidade, que sua hostilidade ocorria com os colonizadores da região, como os bugres, botocudos, aweikoma, xokleng e, até mesmo, kaingang. Denominação esta, em virtude da proximidade do seu tronco linguístico entre Xokleng e Kaingang e da pouca importância dada dos pesquisadores às análises sobre a história dessas tribos no país, o que dificulta, e muito uma análise acurada sobre seus traços culturais e habitus nesta região do país. A fotografia em questão é do cacique “Camrém”, líder dos Xokleng à época do contato com Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, responsável pelo posto de pacificação, que era bisneto de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias (1803-1880). Atualmente, os remanescentes desta tribo se autodenominam como Laklãnõ que significa “gente do sol” ou “gente ligeira”. Esta fotografia foi tirada pelo próprio E. Hoerhan e consta no Acervo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS), da Fundação Cultural de Blumenau.

(WIJK, Flavio. Xokleng. (verbete). Disponível em: pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng ; Acesso em: 09 ago. 2018.



A imagem à esquerda, segundo informações coletadas, é um dos primeiros registros fotográficos da cidade de Caçador-SC. Nesta foto, uma ponte provisória de madeira erguida em 1909 sobre o rio Caçador, pela companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul, que servia como via de acesso entre o bairro Gioppo e o interior da cidade. Assim, podemos perceber nestas imagens que o fotógrafo, ao captar as ilustrações da ponte, fez o registro do encontro das águas do rio Caçador com o rio do Peixe.

Na imagem à direita, a ponte ainda está em processo de construção, e observa-se que todo o trabalho era manual, ou seja, não existiam equipamentos que ajudassem na realização da obra. Neste tempo, as florestas tinham um vasto território coberto por araucárias, pinheiros e uma diversidade de fauna e flora incalculáveis, que ocupavam o território, onde se ergueria a cidade de Caçador, quase que em sua totalidade. E, no decorrer do tempo, as matas foram sendo derrubadas, dando lugar a habitações, pastos para o gado, áreas cultivadas para a agricultura e servindo principalmente como matéria-prima para a indústria madeireira, fatores estes que podem ser observados até o tempo presente. Porém, com o desmatamento, o desmatamento é a maior consequência deste processo à evolução urbana, percebidas nas imagens em questão.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

Tora de pinheiro sendo puxada por um dos primeiros meios de transportes e de trabalho da época, denominado “carro de boi”, utilizado em todo o país, enquanto a modernização dos meios de transporte não ocorria no Brasil. A madeira era a principal fonte de renda e sustento dos moradores naquele período. A imagem se passa na década de 1920. O carro de boi é originário da Idade da Pedra e surgiu em solos brasileiros na época da colonização portuguesa, com os engenhos de açúcar. Ele pode ser puxado por uma ou duas juntas de bois e guiado por uma pessoa, denominada carreiro, que indicava a velocidade aos animais para o deslocamento. Hoje em dia, algumas pessoas, principalmente no interior, ainda utilizam este meio de transporte para seus deslocamentos e para realizar cargas pontuais. E, em algumas cidades, existem festas que são inteiramente voltadas aos carros de boi.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

Operários na construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul, nos anos de 1910. Estrada de ferro responsável, pela eliminação do transporte de madeiras da região, por meio de trens e locomotivas, que substituíram os carros de boi. A ferrovia, obra da empresa americana Brazil Railway, facilitou a locomoção destes e demais produtos do gênero alimentício, vestuário e pesado, para demais regiões do país, deixando apenas os carros de bois, para transpor tes curtos na região.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Os operários geralmente vinham de outros lugares (principalmente do Rio Grande do Sul) para trabalhar na construção da estrada de ferro. Porém, a estrada traria uma das grandes consequências históricas para o país, ou seja a empresa responsável não terminou a obra, mas providenciou a expulsão dos antigos moradores das terras, onde a linha férrea iria passar, o que geraria um dos episódios mais sangrentos da história do Brasil, desencadeando na chamada Guerra do Contestado.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Passagem da primeira locomotiva a vapor, carregada de madeira, em 1910. Na imagem Francisco Correa de Melo, presente no canto esquerdo da foto, de chapéu e gravata preta, se destacando entre os demais dos demais trabalhadores (anônimos nos arquivos pesquisados). Cumpre ressaltar, que o mesmo, segundo a literatura foi um dos fundadores de Caçador trazendo investimentos à exploração madeireira e à construção da estrada de ferro. Está imagem reflete bem o sentido do que seria desenvolvimento em uma nação como o Brasil. Melo permitiu que a construção da linha férrea atravessasse sua fazenda, com a chegada do trem, o processo de transporte e venda de madeiras foi ampliado, inclusive nacionalmente, privilegiando, em primeiro lugar seus investimentos privados, para depois alcançarem o público. Sendo assim, cumpre destacar, que a locomotiva a vapor surgiu na Inglaterra no início do século XIX e no Brasil, em na segunda metade do século XIX, revolucionando o transporte de cargas e pessoas.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



A primeira linha de transporte da região (Lages-Curitibanos-Caçador) foi implantada na década de 1930. Esta linha, mesmo sendo bastante restrita, facilitou o deslocamento de uma cidade para outra, visto que grande parte da população não possuía meios próprios de locomoção. Os primeiros ônibus já eram movidos por motor a explosão (como eram chamados na época), ou seja, motor que utilizava a gasolina como combustível assim como grande parte dos veículos atualmente. O local do motorista era separado da parte detrás e uma simples cobertura era utilizada para a proteção dos passageiros. O trajeto não era confortável de se trafegar, visto que as estradas eram de chão batido e bastante irregulares. Hoje, os ônibus deixaram de ser o principal meio de locomoção dos brasileiros para realizar viagens mais longas, sendo substituídos pelos automóveis.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC



Construções do início de 1920 da então denominada Vila Rio Caçador (pertencente à Campos Novos), a qual daria origem ao município de Caçador. Pode-se perceber que a estrutura das residências seguia um padrão, grande parte delas na época, eram realizadas em blocos. A igreja, como em qualquer outro local católico do globo, no ponto mais alto, características das outras construções religiosas do Brasil. Outra característica importante é a presença de diversas araucárias em seu entorno, árvores típicas do Sul do Brasil que deram lugar à crescente expansão do município, onde serviram como fonte de matéria-prima para construção civil e indústria desta localidade.

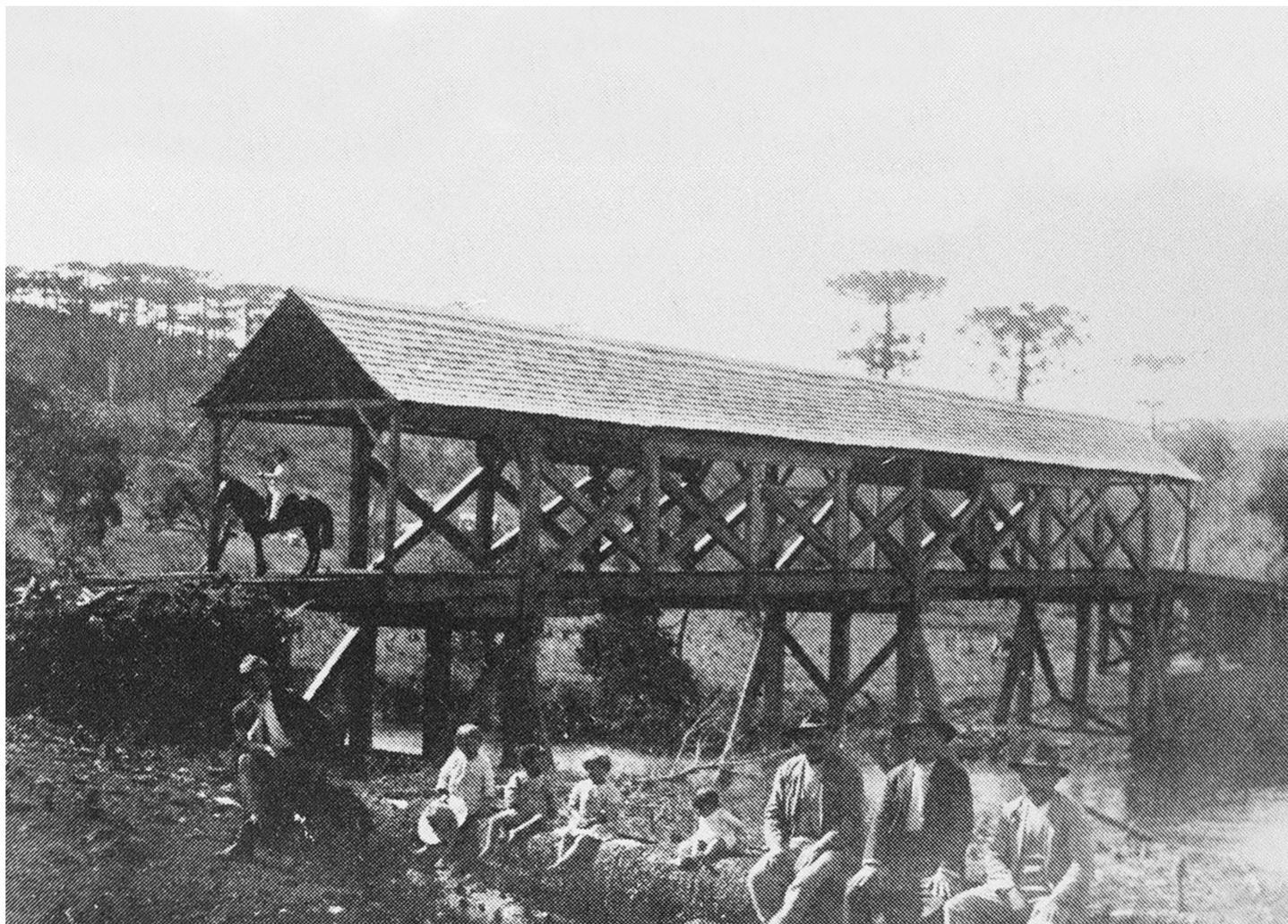
Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Escola Municipal Hercílio Luz, na década de 1920. Foi a primeira escola de Rio Caçador, tendo como professor Marcírio da Cruz Maia. Na fotografia, as crianças estão comemorando a Semana da Pátria. Naquele tempo, existiam muitas adversidades, pois muitos não tinham condições de ir a uma escola, e nem todos tinham o direito, pois era um privilégio de famílias mais nobres e que tinham mais condições financeiras, visto que a escola está localizada no perímetro urbano e que a colonização do interior era muito mais ampla. Também havia poucos meios de transporte e grande parte morava longe, tendo que realizar um longo deslocamento até o estabelecimento de ensino. No contexto do ensino primário, a situação no município ainda era de carência. Nesta imagem, não há a presença do professor Hercílio e o nome da professora é desconhecido.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

Primera versão em madeira da ponte Antônio Bortolon (Ponte de Madeira), que foi construída em 1924 com madeira nobre, ou seja, imbuia. Com arquitetura europeia, a sua estrutura foi baseada na ponte Vecchio, localizada no Rio Brenta, na Itália (uma vez que os principais fundadores, a família Bortolon, eram oriundos deste país). Ela serviu para unir a vila de Santelmo a de Rio Caçador (dois distritos territoriais antes de Caçador se tornar município).



Referida ponte foi destruída pela grande enchente de 1932 e reconstruída mais tarde. Em 1983, houve uma nova construção, mas que novamente veio a cair por outra enchente. No ano de 1984, ocorreu uma nova construção e hoje é um dos locais pitorescos de Caçador. Cumpre ressaltar, que a ponte que vemos na imagem, não existe mais, o que existiu na cidade é uma réplica da atual ponte construída em 1924, marco histórico do município.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Nesta imagem, que retrata o centro da cidade na década de 1920, percebe-se um padrão arquitetônico que segue os estilos italiano e polonês, ou seja, construções amplas, feitas de madeira e com muitas janelas. Já naquela época, observa-se uma desigualdade social representada pelas dimensões e localização das residências: as maiores eram de pessoas mais ricas e ficavam no centro da cidade; as menores eram de pessoas mais humildes e simples e situavam-se em lugares mais afastados, principalmente próximos aos rios, locais onde as enchentes eram e ainda são frequentes na cidade. E, como a madeira era abundante, muitos vinham com o interesse de realizar a exploração das matas e implantar novas madeireiras na cidade e/ou trabalhar nas promissoras fábricas de exploração da madeira já existentes na localidade.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



A foto retrata o Colégio Aurora, em 1930, que teve suas atividades iniciadas dois anos antes, em 1928. Com a implantação do colégio, Caçador se firmou como centro educacional da região oeste de Santa Catarina, pois foi a primeira rede de ensino de nível médio da região, algo que no período não era fácil de encontrar. Sob o comando dos educadores Dante e Albina Mosconi, o colégio recebia muitas pessoas que vinham de regiões vizinhas e até mesmo de longe, como Videira-SC e Caxias do Sul-RS, por exemplo, para realizar seus estudos na cidade.

O que pode-se perceber quanto à estrutura da instituição escolar era o seu tamanho. Uma estrutura, que seguia um estilo de arquitetura que se assemelhava à alemã.



Nota-se também que era muito diferente das escolas atuais, pois não havia um espaço para o lazer das crianças e, para o esporte, havia apenas um campo de futebol improvisado. Ao que se sabe, a educação naquela época era muito rígida. Os castigos para alunos considerados malcriados eram violentos para os padrões atuais como, por exemplo, permanecer em pé detrás da porta, levar golpes de palmatória, ajoelhar-se sobre grãos de milho, ou até mesmo receber beliscões, que eram aplicados pelos próprios professores. Além de rígida, a educação não era para todos. Muitas crianças não conseguiam frequentar a escola, pois geralmente viviam longe, não podiam comprar o material escolar e tinham que trabalhar com os pais, geralmente nas lavouras. Dessa forma, apenas aqueles que detinham condições financeiras adequadas, conseguiam completar seus estudos, o que demonstra os níveis de desigualdade social e do ínfimos investimentos governamentais na educação em todo o Brasil nesta época.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

Fonte: Fausto, Boris. A História do Brasil. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

Em 1932, Attilio Faoro iniciou a construção de uma pequena usina hidroelétrica em Caçador, um empreendimento inovador para os padrões da época, tendo em vista que os investimentos, em sua grande maioria eram oriundos do estado e não da iniciativa privada aos municípios em geral. Nesta obra foram vários meses de trabalho e empregados inúmeros operários para que fosse disponibilizada energia elétrica aos municípios da cidade.



Já em 1934, Attilio adquiriu uma área de terra para construir uma segunda usina, que veio a chamar-se Usina Campinas. As duas foram feitas às margens do Rio do Peixe. Tanto uma como a outra foram de imensa importância, pois expandiu-se a luz para a cidade, de forma a estimular a tecnologia e invenção de muitos equipamentos, que antes não eram nem imaginados. Também abastecia-se indústrias de pequeno porte. Ernesto Faoro, o seu filho, seguiu os passos do pai e continuou o desenvolvimento hídrico de Caçador. Sem dúvida, atualmente, é impossível imaginarmos um mundo sem energia elétrica, pois ela é fundamental para todas as atividades do cotidiano, seja qual for a atividade econômica, ou não desenvolvida por todos nós..

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



A imagem em questão é da inauguração da primeira estação ferroviária de Caçador, no ano de 1934. Segundo o historiador Julio Corrente, curador do Museu do Contestado, a estação, na época, movimentava a economia do município, pois as pessoas iam até o local para comprar produtos vindos de trens e até mesmo pagavam para ficar na plataforma, para poder comprar possíveis produtos ou não. Ainda segundo Júlio, a estação era uma referência no município e, a partir dela, toda a cidade começou a se expandir em sua volta. A estação foi devastada pelas chamas no final da década de 1930 e uma réplica foi construída onde hoje está localizado o Museu do Contestado. A construção da réplica foi realizada no ano de 1944, pela empresa Três Irmãos Tha, de Curitiba, e causou grande repercussão devido ao seu estilo arquitetônico, considerado um dos mais modernos do sul do país.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

Em 25 de março de 1934, ocorre a emancipação política e administrativa de Caçador. Na foto, tirada em frente à Prefeitura (hoje Banco do Brasil), encontra-se o primeiro prefeito da cidade, Leônidas Coelho de Souza (de terno branco e chapéu estilo militar), e o então governador de Santa Catarina, Aristiliano Ramos (ao lado direito do prefeito, de terno preto e sem chapéu). A sede do município ficou constituída pelos povoados de Rio Caçador e Santelmo. Pode-se observar na imagem que o grupo é constituído apenas por homens, em sua maioria brancos, entre 30 a 50 anos de idade. Por se tratar de um evento político-administrativo, considerando também a época, percebe-se que a sociedade seguia o modelo patriarcal, que excluía a participação das mulheres e dos jovens na política e na administração pública; também a exclusão dos negros, devido a discriminação racial oriunda da época do Brasil Colonial. Entende-se então que apenas os homens considerados mais importantes tiveram o devido reconhecimento, sendo retratados na fotografia que marcou a emancipação da cidade desmerecendo, dessa forma, a outra parte da população que, com muito trabalho e esforço, desenvolveu o município.



Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

Fonte: Fausto, Boris. A História do Brasil. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.



Nesta fotografia pode-se observar várias pessoas, entre elas, homens e mulheres comemorando o dia do trabalho na década de 1930. Mas, com um mero e simples detalhe, os homens à frente da comemoração e as mulheres, a margem deste processo. Após estas observações, cumpre salientar, que as comemorações do dia 1º de maio, celebravam as mudanças nas leis trabalhistas brasileiras, principalmente, a redução da jornada de trabalho, férias e folgas remuneradas. A data já era comemorada na Europa antes de chegar ao Brasil. Era festejado por todos, pois no continente europeu, homens e mulheres trabalhavam, desempenhando funções semelhantes, mas com uma grande diferença em seus salários. Já no Brasil, por consequência da cultura patriarcal, em muitos lugares apenas os homens trabalhavam fora. Assim, esta fotografia reflete a época na qual se favorecia apenas o gênero masculino em detrimento das mulheres que trabalhavam tanto como eles em suas casas, mas que, perante a sociedade desempenhavam funções e papéis ‘insignificantes’.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.
Fonte: Fausto, Boris. A História do Brasil. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

Missa campal (data desconhecida) do dia da emancipação do município, que foi realizada na antiga Paróquia São Francisco de Assis. Trazido para o Brasil pelos colonizadores lusos e missionários europeus, o Catolicismo tornar-se-ia a principal religião durante muitos séculos e exerceu grande influência cultural e política no país. Dessa forma,



a imagem em questão é exemplo, não apenas da demonstração de fé dos fiéis retratada em uma missa campal, mas ela elucida que esse tipo de celebração sempre ocorria para enaltecer grandes eventos, quaisquer que fossem e em qualquer das regiões do território nacional e, em Caçador, não foi diferente, onde os primeiros habitantes da região, migrantes e/ou imigrantes, descendentes de europeus, que trouxeram consigo o catolicismo, utilizavam dos atos de fé, para encampar os atos políticos, como podemos perceber, neste ato de celebração de um dos eventos mais importantes para a cidade, qual seja, a emancipação política de Caçador, com a realização de uma missa campal. Além disso, analisamos outro aspecto, em que os participantes deste evento vestiam seus melhores trajes, talvez, sendo eles, únicos para muitos cidadãos, devida as condições econômicas da região e do país (FAUSTO, 2004).

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Também, em 1934, houve a criação da Paróquia São Francisco de Assis. O padre José Chamot, na foto em questão, construiu esta igreja com a ajuda das famílias que habitavam a cidade, realizou a sua construção. A Catedral São Francisco de Assis, um dos pontos turísticos de Caçador, foi construída logo à frente da Paróquia. A igreja tornou-se um local de encontro entre as famílias, que professavam sua fé depois de uma exaustiva semana de trabalho. Naquela época, encontros de famílias, cultos e novenas eram muito mais frequentes. Hoje, isso se tornou mais desafiador, dado que a forma de pensar, os costumes e as tradições mudaram bastante.

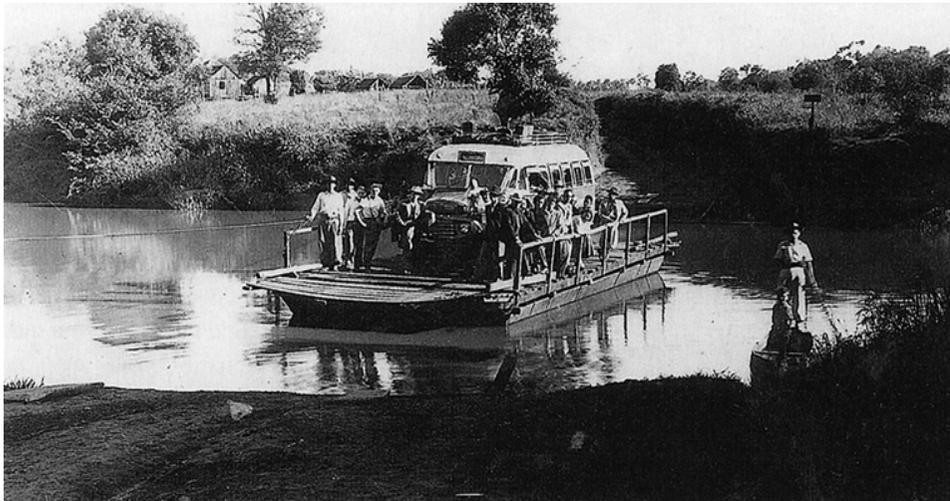
Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

Nesta fotografia podemos ver a “Villa Santa Catharina”, no ano de 1935. As casas ainda estavam sendo construídas e já havia uma pequena ponte, mas somente para a passagem de pedestres. No período, as florestas ainda não haviam sido devastadas, visto que existiam poucas edificações e que o desenvolvimento da cidade ainda estava em sua fase inicial. Porém, estas residências já existentes estavam bastante suscetíveis a enchentes e desmoronamentos, devido à localização e à forma como elas eram construídas. A julgar pela foto, famílias mais humildes costumavam habitar as margens ribeirinhas, como vimos anteriormnete, ou seja famílias de mais posses habitavam locais mais elevados em Caçador longe das enchentes, enquanto as com menos posses, as margens dos Rios que cruzam o município.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



As duas fotografias retratam como era feita a navegação do Rio do Peixe na década de 30. Balsas e barcos serviam como um meio de transporte auxiliar à estrada de ferro num período que ainda haviam poucas pontes e as estradas eram quase que intransitáveis. Estes meios eram bastante utilizados, tanto para transporte de pessoas quanto de cargas, em virtude de que os rios existentes ainda eram navegáveis, pois não tinha tanta poluição e o assoreamento dos rios quase que inexistente. Contudo, os equipamentos de segurança necessários não tinham sido inventados ou não eram utilizados, isto porque as preocupações da época eram outras, e não existiam leis regulamentando tais transportes. Na foto à direita, é retratada a passagem em uma balsa que servia para a travessia de outros pontos da cidade para a Avenida Barão do Rio Branco, em Caçador. Atualmente, os dois meios são utilizados principalmente em cidades com portos e aquelas que não existe outra forma de travessia.



Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

A foto mostra o dia em que a delegacia da Comarca de Caçador foi inaugurada, em 1936. Aqui, observa-se um grupo considerável de pessoas reunidas na rua. Nota-se que a caminhada é composta quase que exclusivamente por homens de diversas idades. O que para época era normal, já que as mulheres se limitavam ao trabalho doméstico, sem uma expressiva participação na sociedade. Muitos imigrantes vieram com a promessa de que aqui poderiam melhorar de vida e, em muitos casos, ao chegarem, logo perceberam que não seria tão fácil. Mas, com trabalho duro, foram conquistando seu espaço, cultivando a terra e abrindo seus comércios e, assim, possibilitando o desenvolvimento do município.



Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

Em 1939, foi construído o primeiro templo da Igreja Metodista em Caçador, que é uma religião de fé cristã protestante cujo foco está na santificação e no amor ao próximo. Esta igreja teve origem na Inglaterra, fruto da iniciativa de um pastor anglicano chamado John Wesley que chamava a atenção pelos seus métodos de disciplina pessoal e desenvolvimento espiritual. O período em que a grande maioria dos brasileiros seguia a religião católica e que a maioria das cidades era construída em volta de uma igreja católica, este templo mostra a abertura para novas religiões e uma maior tolerância religiosa num passado conservador, resultado de uma miscigenação de culturas e tradições de diferentes imigrantes. A julgar pelo seu tamanho, o templo foi construído para uma grande quantidade de pessoas, sinal de que existiam muitos fiéis.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.





Alunos da escola da linha Cará, em 1939. Em comparação com a foto do Colégio Aurora, percebe-se muitas diferenças. A maior delas seria na estrutura, enquanto uma era enorme, esta é pequena e precária, uma típica e antiga escola do interior, aparentando não ser mais do que uma simples casa. Quanto ao número de alunos, observa-se que não é grande. Eles eram, em geral, mais novos e na sua maioria composta por meninas, o que é justificável pelo fato de que este grupo ainda não trabalhava, pois geralmente eram os meninos que ficavam ajudando seus pais com o trabalho mais pesado.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Nas imagens acima, observa-se as madeireiras do perímetro urbano de Caçador, uma quantidade relativamente grande por ser no centro da cidade. A cidade de Caçador, na década de 1940, foi a maior produtora de pinho da América do Sul e ficou conhecida como a “Capital Brasileira da Madeira”. Na época, não existiam leis que regiam a legalidade de extrair e cortar. Por este motivo, muitos dos que vinham para o local centravam suas atenções neste ramo. As serrarias se localizavam principalmente próximas a estações ferroviárias, basicamente para facilitar o transporte da matéria-prima para outras localidades ou regiões do Brasil, utilizando-se os trens, como podemos perceber, na segunda imagem, a proximidade das madeireiras com a estação ferroviária. Isso colocou a cidade em um patamar elevado, e tornou esta atividade a principal fonte econômica do município. Ainda sobre as duas imagens, podemos perceber o desmatamento, lento e gradual da região central, bem como na ponte existente na segunda imagem, que não mais está presente na paisagem atual de Caçador.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Trem passando por Caçador, na década de 1940. Naquele período, os trens eram utilizados como meio de transporte para as pessoas e cargas. Circulavam por grande parte do Brasil, carregando principalmente as produções agrícolas. Já em Caçador, a maior parte do transporte era da madeira. Os trens foram responsáveis também pelo processo de imigração para a cidade, trazendo pessoas vindas de vários lugares do Brasil e do mundo, visto que as estradas neste período eram bastante irregulares. Quem morava próximo aos trilhos, como observado na foto, provavelmente ouvia um grande barulho quando os trens passavam, até mesmo chegando a tremer algumas partes das residências.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Na foto à esquerda, a rua José Boiteux, na década de 1940, que foi a primeira a ser pavimentada por ser a única via que ligava os dois lados da cidade separados pelo Rio do Peixe. Houve bastante comemoração quando as obras foram concluídas. O prefeito da época era o Sr. Manoel Siqueira Bello. Esta obra facilitou o deslocamento dos veículos, pedestres e diminuiu o tempo para ir a alguns locais da cidade, visto que as ruas eram esburacadas e o trajeto era demorado, principalmente no período de chuvas. Este fato, proporcionou a pavimentação de outros pontos da cidade, pois as melhorias foram observadas rapidamente, em todo o município.

Na foto da direita, é possível contemplar o dia a dia da rua Carlos Sperança, rua está, de chão batido, ainda em fase de preparação para pavimentação, também na década de 1940. No fundo, pode-se observar a construção da primeira rodoviária, um marco importante para a cidade. As duas ruas foram e são muito importantes para o município, uma vez que abrigam muitos estabelecimentos comerciais e ligando o centro da cidade aos bairros. Um dado curioso e que podemos perceber nesta imagem é a figura do mascate, que percorria as ruas da cidade vendendo e trocando itens novos e usados entre os munícipes.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.





Construção da Catedral São Francisco de Assis, em frente à Paróquia São Francisco de Assis. Tal empreendimento teve início em 1938 e durou 21 anos até o seu término. A inauguração ocorreu em outubro de 1959. Assim como na maioria dos municípios, foi uma das primeiras construções, e isso mostra a maior influência da religião católica sobre as demais no Brasil. Esse catolicismo, trazido pelos europeus ainda no século XVI, foi mantido e passado de geração para geração, sendo a principal religião dos imigrantes que aqui ficaram. Erguida seguindo as características do estilo clássico romano e arquitetura predominantemente italiana (por ser a principal etnia dos imigrantes), a Catedral é, hoje, um dos pontos atrativos de Caçador e encontro de muitos fiéis.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Foto da avenida Barão do Rio Branco, na década de 1940. O que se pode perceber é que naquela época se popularizaram os canteiros centrais nas avenidas de pequenas e grandes cidades de todo o Brasil. Em Caçador, não foi diferente, estes canteiros além de servirem para separar o rolamento da pista, ajudavam os pedestres a atravessarem a rua deixando o trânsito mais organizado e seguro. Mas, o que mais chama à atenção nesta imagem é o embelezamento de referida avenida central, pautados em um modelo europeu e de cidade não menos importantes do país com Rio de Janeiro e São Paulo, pois os modelos de iluminação foram inspirados nos locais citados, mas que hoje não fazem mais parte da estrutura central desta avenida, sendo removidos com o aumento do fluxo de automóveis na cidade.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



Logo no início desta obra pudemos ver o início de uma das escolas públicas da cidade de Caçador, a Hercílio Luz, com poucos alunos, ainda se consolidando na cidade. Nesta fotografia percebemos o colégio com dezenas de alunos comemorando o Dia das Crianças, no ano de 1944. Sobre a data podemos afirmar que é comemorada em todo o mundo e no Brasil é celebrado no dia 12 de outubro, onde foi instituída em 1924 e oficializada 36 anos depois. Dessa maneira, cumpre salientar, que essa comemoração tornava-se praticamente inválida, pois o que adiantava ter apenas um dia para comemorar, sendo que essas crianças fossem realmente crianças sabendo que após a escola, inúmeras delas passavam por outras jornadas de trabalho, para ajudarem suas famílias em casa, no sustendo dos seus familiares ?

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

Fonte: Fausto, Boris. A História do Brasil. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.



A foto da esquerda retrata a recepção a Aristiliano Ramos (todo de preto no canto direito da imagem, ao lado do home de sobretudo branco), em Caçador, na década de 1930. Observa-se na faixa ao fundo da imagem, uma frase: “Ao Interventor Federal, o povo caçadoreense”. Interventor Federal era o cargo equiparável ao atual Governador dado pelo Presidente da República. Aristiliano exerceu seu mandato de 19 de abril de 1933 a 29 de abril de 1935. Na foto da direita, um momento da campanha de Aderbal Ramos para Governador, em 1946. Saindo vitorioso, Ramos iniciou seu mandato em 26 de março de 1947, porém, por problemas de saúde, foi substituído por José Boabaid.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.



A fotografia em questão nos leva às inúmeras interpretações sobre fatos importantes da nossa história e da história global. Ela nos remete a história da ascensão nazi-fascista na Europa e, em particular, no Brasil, ao maior reduto nazista fora da Alemanha, ou seja no sul do Brasil. A 5ª Coluna de União da Vitória e do Rio das Antas seria um dos redutos do nazismo brasileiro e mantinha membros de todas as cidades circunvizinhas de Caçador-SC. Assim, o grupo em questão foi preso pelas forças policiais do Departamento de Ordem Política (DOPS), no íterim do governo Getúlio Vargas (1930-1945), que contraditoriamente mantinha tendências nazifascistas, enquanto se manteve no poder no país. Segundo as fontes pesquisadas, o grupo foi preso por arruaça, pois britavam “Heil Hitler”, no início da década de 1940, pois estavam embregados, mas não se sabe o nome dos mesmo que aparecem na imagem, sendo logo liberados pelas forças do DOPS.

Acervo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado - Caçador-SC.

Capítulo 2- Famílias que fizeram parte direta ou indiretamente da fundação de Caçador-SC

Família Scolaro

Descendentes de imigrantes italianos, o primeiro a chegar em Caçador foi Zílio Scolaro. Ele veio com sua família do estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1934, para tentar uma vida melhor em Santa Catarina. Estabeleceram-se no interior da cidade (área de sítios), na denominada Linha Cará, onde hoje ainda é possível encontrar vários remanescentes da família. Atuavam na agricultura (atividade pelos familiares até o presente), principalmente no cultivo de uva e trigo, onde eram transportados pela linha férrea. Além da agricultura, criavam também animais, para complementarem o sustento, bem como para promoção de transporte dos membros da família para centro comercial da cidade. Cumpre destacar, que esta família, não falava o português, como o que ocorria com diversas outras famílias desta região, mas com o decorrer do tempo e por imposição do governo, bem como a convivência com outros agricultores, passaram a falar o português. Alguns dos antepassados participaram de guerras na Itália, mas em Caçador não sofreram com isto.

Fonte:Arquivo familiar



Zílio Scolaro e família



Scolaro e Baseggio



Scolaro



Família Canalle

De origem italiana, os primeiros integrantes chegaram em 1942, mas grande parte em 1946, vindos de Caxias do Sul-RS. Inicialmente, trabalhavam em serrarias, o que era bastante atraente na época, já que Caçador foi um dos maiores produtores de madeira da América do Sul. O primeiro da família que chegou em Caçador gerenciava uma serraria na Linha Castelhana, e os familiares seguintes também começaram a exercer os mesmos passos de serradores, pois já tinham a mesma expertise neste setor e por já terem trabalhado em terras gaúchas, antes de virem para Caçador. Porém, depois de um tempo a madeireira faliu, como várias outras da década de 1940 a 1960 e então eles começaram a se dedicar exclusivamente à agropecuária. Quanto ao sobrenome, existe bastante divergências a sua escrita (Canali, Canalli, Canale, Canalle, Canal), já que, naquela época, os escrivães não entendiam a pronúncia e registravam incorretamente seus sobrenomes.

Fonte:Arquivo familiar



Família Fauth

De origem alemã, o primeiro membro desta família, Waldemar Fauth, veio de Montenegro-RS. Chegou em Caçador no início dos anos 1930. Na cidade, a primeira área de atuação foi em uma serraria, pois como já citado, havia uma grande concentração de araucárias na região. Mais tarde, após vender a serraria, abriu um mercado, que se localizava no Largo Santelmo. Também foi político, atuando como vereador durante dois mandatos, seu prestígio como político na cidade o fizeram participar das festas de aniversário do então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, tendo em vista, segundo seus familiares e as pesquisas feitas no acervo do museu do Constestado, a atuação e defesa do mesmo aos jovens e as pessoas mais carentes de Caçador.

Fonte: Arquivo familiar



Família Correa de Melo

Francisco Correa de Melo, um dos pioneiros de Caçador, nasceu no Paraná, e seus pais no Rio Grande do Sul. De origem portuguesa, antes de chegar passou por Campos Novos-SC, antes de estabelecer-se em Caçador, no ano de 1881. A contribuição desta família girava em torno da exploração da araucária e da produção agropecuária, pois tinham na região enormes propriedades de terra, que lhes proporcionavam tal feito. A família dos Correa sofreu o primeiro revés nestas terras em 1914. Discordando do movimento rebelde dos sertanejos durante a Guerra do Contestado, onde não se envolveram com os revoltosos, os Correa tiveram suas casas incendiadas, momento em que decidiram apoiar as forças militares, até 1915, quando terminaram os combates, e só então reconstruíram suas moradias. Um dado característico nesta foto e fator característico da época podem ser observados, quais sejam homens e mulheres separados na imagem e em escala por idades. Ao lado direito de Francisco Correa, seu filho mais velho e esquerdo, esposa, mostrando posições de hierarquia, poder e submissão, neste contexto histórico.



Família de Francisco Corrêa de Melo - Fundador de Caçador – 1923.

Fonte: Arquivo familiar



Família de Thomaz Gonçalves Padilha, parentes de Correa de Melo, na década de 1920.

Família Kletke

Esta família alemã chegou em terras catarinenses no ano de 1928 e fixaram-se no município de Rio das Antas (cidade circunvizinha de Caçador). Praticavam a agricultura em Rio das Antas e em Caçador, a chegada foi no ano de 1948, no qual compraram um armazém, onde realizaram suas atividades comerciais de “secos e molhados”. Naquela época, estes armazéns eram conhecidos por este termo, porque vendiam tudo o que se imaginava, desde gêneros alimentícios a vestuários, ou seja era por meio deles que a população fazia seu abastecimento de gêneros alimentícios provenientes de diversas regiões do país que chegavam pela linha férrea, bem como de utensílios domésticos, antes mesmos da era dos supermercados.



Fonte: Arquivo familiar

ANTIGOS MORADORES DE CAÇADOR
- Sra. Natália e Adolfo Kletke

Família Flecke

A vinda desta família para Caçador foi em 1944. Oriunda de Piratuba-SC, estabeleceu-se na Rua José Boiteux (famosa por ser a primeira a receber pavimentação na cidade). Por ser de origem alemã, quando chegou aqui, não falava o português e sim a língua alemã. A família Flecke também tiveram um armazém de “secos e molhados”, sendo um dos primeiros deste ramo na cidade. Cumpre ressaltar, que duas coisas sempre estavam presentes nestes estabelecimentos, quais sejam a balança no balcão (a maioria da marca Filizola, fabricada desde 1920) e as conchas nas sacas de cereais, pois pesava-se o arroz, a farinha, o milho, o feijão e muitos outros itens, onde eram vendidos a granel (soltos, em pedaços). Para o leitor, duas grandes observações: Em primeiro lugar, não há a presença do patriarca na foto (não sabemos o real motivo, pois a família não soube informar), mas ela não deixa de demonstrar o que fato é o símbolo de uma época, a divisão entre homens e e mulheres na mesma.

Fonte: Arquivo familiar



Família Marçal Santos

De origem portuguesa, os Marçal Santos chegaram na cidade na década de 1940. De origem portuguesa foram responsáveis por várias construções importantes de Caçador, dentre as quais podemos destacar a fábrica Reichmann (hoje resta somente a chaminé), o Castelinho (hoje localizado no centro, altamente rico em detalhes), a Universidade Alto Vale do Rio do Peixe- UNIARP, entre outras. Aníbal Marçal Santos, foi mestre de obras e comandou diversas equipes de trabalho, onde sua missão foi a de construir, na época, inúmeras construções que fazem parte de nossa história.

Fonte: Arquivo familiar



Família Veronese

O riundos de Farroupilha-RS, chegaram em Caçador no ano de 1941. A família, de origem italiana, também tinham um armazém de “secos e molhados” e como em todos estes comércios, iremos falar sobre as famosas cadernetas e/ou caderninhos, no qual o balconista anotava cada compra e seu valor e no final de cada mês, quando a conta era paga, tudo recomeçava. Era o famoso “fiado”. Um item interessante ocorria na hora do acerto, onde ganhava-se um pequeno “mimo” (geralmente de valor pequeno, como um doce, de forma a recompensar o pagamento correto). Para poder comprar “fiado”, bastava ser conhecido na cidade e, apenas as anotações do proprietário do “secos e molhados” bastavam, não sendo necessária a consulta pelo consumidor. Claro, que muitas fraudes ocorriam neste contexto, pois não havia chances ao contraditório e se houvesse, o cliente poderia não ter como comprar “fiado” em outro local, por não conhecer o proprietário. Vale salientar, que os Veronese comercializavam, também, remédios, comida, sapatos, chapéus, entre muitos outros produtos.

Fonte: Arquivo familiar



Família Fontana

Chegaram em 1945, vindos de Guaporé-RS, no final da Segunda Guerra Mundial. Descendentes de italianos vieram em busca de emprego, devido a fama que a cidade tinha na época, com a exploração da madeira. Mas, os Fontana, se destacaram por outro segmento, qual seja trabalhavam com alvenaria, como por exemplo, Ermindo Fontana, especialista em pedras e que tornou-se um dos grandes responsáveis por vários metros quadrados de calçamentos e outras obras da cidade. Mais tarde, os filhos deram continuidade aos trabalhos do pai e criaram uma empresa de britadores (Britagem Fontana), na qual atendem o município até hoje, tendo uma alta demanda e uma extensa atuação.

Fonte: Arquivo familiar



ANTIGOS MORADORES DE CAÇADOR
- Família Ermindo Albertino Fontana e
esposa Albertina Dall'alqua

Família Sorgatto

Chegaram em Caçador no ano de 1923. Antes disso, em 1920, viveram em Rio das Antas- SC. A família é de origem italiana e se estabeleceram primeiramente no distrito de Taquara Verde-SC, onde Domingos foi o primeiro Subdelegado de polícia do local. Depois, Domingos e esposa Justina concentraram-se na agricultura, cultivando milho, feijão e trigo, mas tendo destaque no plantio de uva e a produção de vinho. Com isto, tiveram a primeira cantina do município, que era abastecida com a própria produção de uvas da família. No período de 1925 a 1930, a família dedicou-se ao comércio, tendo como sócios Pedro Bortolon, Júlio Tortatto e João Palermo, cuja economia girava em torno da exploração e exportação da erva-mate para a Alemanha, sendo que o produto era usado para fazer tintas e uso medicinal. Mais tarde, a família montou um armazém de “secos e molhados”. Cumpre ressaltar, que o bairro Sorgatto leva o seu nome, pois é uma homenagem ao primeiro morador, Domingos Sorgatto, nascido na Itália e também pelo papel de um dos fundadores da Sociedade Hípica Caçadoreense.

Fonte: Arquivo familiar



Família Thomé

Chegaram em 1943, de origem alemã, mas vieram das colônias velhas do Rio Grande do Sul e como muitos imigrantes alemães destes agrupamentos, esta família também praticava o catolicismo. Na chegada, instalaram-se na rua Altamiro Guimarães (atrás do atual Posto Shell). Residiram por alguns meses naquele local até se mudarem para o casarão do Armazém, na rua 15 de Novembro. Ali, Nilo e sua família abriram um comércio de “secos e molhados”, em sociedade com Antônio Granzotto, o qual levou o nome de “Thomé e Granzotto Ltda”. Mais adiante, exploraram o ramo de artefatos de pedra, devido à experiência que Nilo e outras pessoas da família tinham com este tipo de trabalho, na cidade de Guarama-RS. Em Caçador, a exemplo da região Sul, surgiu, no período da Segunda Guerra Mundial, um fenômeno político contra a população de origem alemã, no qual ocorreram abusos de autoridade e constrangimentos físicos e morais, sendo os imigrantes alemães proibidos até de falar seu idioma natal em território brasileiro.

Fonte:Arquivo familiar





Fonte:Arquivo familiar



Casarão do Armazém

Família Bortolon

Chegaram no final da década de 1920 e início de 1930, oriundos da Itália. Mais tarde, outros integrantes vieram do Rio Grande do Sul. Pedro Bortolon e seus familiares trabalhavam com carpintaria, e ajudavam bastante os Correa de Melo na parte documental. Quando estes precisavam de algum tipo de documento, solicitavam a ajuda de seu Pedro, que também era conselheiro e vendia ervas medicinais. Além destas atividades, os Bortolon trabalhavam com o comércio em geral e com a construção de pontes e estradas. Pode-se dizer que a principal contribuição da família foi a construção da Ponte de Madeira (juntamente com outras famílias), símbolo histórico de Caçador. Eles relatam que sofriam um pouco de perseguição, e que não tinham muita liberdade de expressão na época, por conta do governo Getúlio Vargas e o contexto histórico do nazifascismo vigente na Europa e, em especial, no Brasil por sua origem alemã.

Fonte:Arquivo familiar





Fonte:Arquivo familiar

Fonte:Arquivo familiar

HORIZONTE BORTOLON EM SUA SELARIA

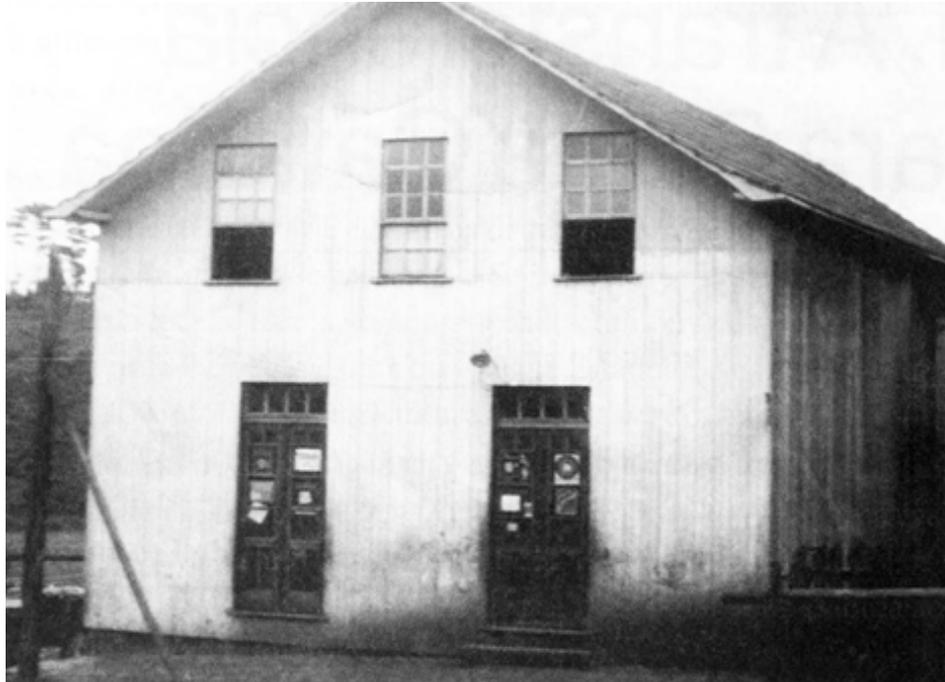


Residência da família Bortolon, nos anos 1930. A fotografia permite afirmar que tratava-se de uma família numerosa, como tantas outras daquele período, posando em frente a sua casa. A família era constituída pelo pai, a autoridade máxima, a mãe, responsável pelos cuidados com os filhos (que geralmente eram em grande número) e pela manutenção da casa. Assim que os filhos atingiam a pré-adolescência, eram postos para trabalhar tanto em casa quanto na roça, servindo como mão de obra para seus pais. Naquele tempo, o trabalho infantil era permitido. Voltando ao retratado na imagem, a julgar pela casa e pelas vestimentas das crianças, aparentavam ter uma boa renda. Sua casa seguia, entretanto, a arquitetura polonesa, e as crianças estavam bem vestidas e tinham brinquedos nas mãos.

Família Faoro

Esta família tem origem italiana e chegou em 1931 na cidade de Caçador, vindos de Vacaria-RS, com um caminhão Chevrolet, do ano de 1927. Aqui, tornaram-se lojistas de “secos e molhados”, que se tornara um mercado bastante competitivo na época. Os Faoro tinham um estabelecimento que se chamava Loja de Ferragem da firma Vva. Attilio Faoro & Filhos, estabelecida na avenida Barão do Rio Branco. Em 1932, devido à inexistência de energia elétrica, resolveram construir uma usina hidrelétrica, a qual foi instalada próxima ao atual Estádio Municipal e, em razão da capacidade ser esgotada pelo alto uso, resolveram realizar uma segunda usina suprindo, assim, a demanda de muitas pessoas e indústrias. Além de tudo isso, mantinham negócios, também, no Rio Grande do Sul.

Fonte:Arquivo familiar





Casal Attilio Faoro e
Luiza D'Ambroz

Família Carneiro

Vieram da região de São João de Cima, que pertencia a Porto União-SC e que, atualmente, pertence a Calmon-SC. Nesta região, chegaram no período de 1850. Já em Caçador, os primeiros descendentes vieram na década de 1930. A proveniência não é certa, mas segundo fontes familiares, a família (bastante extensa) tem origem judaica, portuguesa e espanhola. Eram fazendeiros, pecuaristas e eram até mesmo corretores de imóveis. Sofreram com a construção da estrada de ferro e a consequente Guerra do Contestado, quando ainda estavam em São João de Cima, pois alguns caboclos rebeldes invadiram suas terras e roubaram todo seu gado.

Fonte:Arquivo familiar



Família Linhares

Chegaram em Caçador em 1943. O primeiro integrante da família a vir para Caçador foi Achilles de Paula Linhares, este que era gerente da empresa Madeirense do Brasil S/A. O mesmo decidiu montar um grande comércio de beneficiamento de madeira, na localidade de Caixa d'água, no interior da cidade, visto que este ramo era a principal fonte de economia no período. Achilles exerceu o cargo gerencial até aposentar-se. Se destacou neste segmento da indústria madeireira oriundos da sua cultura alemã. Desta forma, vale destacar, que Achilles foi muito participativo em questões da comunidade local e referência em solidariedade para muitas pessoas mais pobre na cidade, o que levou os governantes do município imortalizarem seu nome em uma das ruas da cidade.

Fonte:Arquivo familiar



Família Gioppo

Descendentes de italianos, os primeiros familiares se estabeleceram em Morretes-PR e depois em Porto União-SC, antes de se estabelecerem aqui em 1918. O atual bairro Gioppo (o mais antigo de Caçador), se originou na mesma data, com a vinda dos italianos José Gioppo e Luiz Tortatto, de Porto União da Vitória, quando as cidades Porto União e União da Vitória, ainda não eram separadas entre os estados do Paraná e Santa Catarina, a fim de montarem uma sociedade, qual seja a empresa “Gioppo/Tortatto”, uma fábrica para exploração da madeira e serraria, fator pioneiro na região. Para que esta sociedade desse certo, ambos fizeram cordos com os fazendeiros da família Carneiro, para explorarem araucárias. Mais tarde, a empresa foi desfeita e José Gioppo então se dedicou ao comércio e à agricultura. Montou um moinho de trigo, milho e uma “atafona” (engenho de moer grão ou mandioca, manual ou tocado por bestas). Também construiu a primeira ponte sobre o Rio Caçador.

Fonte:Arquivo familiar



Família Baseggio

Os primeiros chegaram no final da década de 1920 e início de 1930. Vieram do Rio Grande do Sul, do mesmo local que vários outros imigrantes Italianos. Foram importantíssimos na colonização do município e do interior de Caçador. Esta família foi uma das primeiras da comunidade da Linha Cará na qual certo trecho era chamado de “rancho” ou “ranchinho” e estabeleceram-se ali. Atualmente, ainda existe uma casa naquela comunidade habitada pela família, que pertencia à família Zampronio (primeiros moradores da Linha Cará), e hoje pertencente aos Baseggio. Casa esta que chama atenção de quem passa pelo local, pois ela tem quase 100 anos de história. Eles praticavam a pecuária e o cultivo, principalmente da uva, no qual Caçador foi um dos municípios com maior produção deste ramo na época mo país.

Fonte: Arquivo familiar



Família Catapan

Chegaram em Caçador no ano de 1928 e também foram habitantes da Linha Cará. Os primeiros descendentes trabalharam na estrada de ferro e posteriormente atuaram no cultivo de milho, trigo e mais tarde, uva. Vieram de Curitiba-PR e Guaporé-RS. Como eram de origem italiana, segundo relatos da família, durante o período da Segunda Guerra Mundial, não os deixavam praticar a língua italiana, em detrimento de lei governamental para evitarem a formação de Quistos Raciais (FAUSTO, 2004). Um dos relatos dos remascentes desta família foi o de que, seus antepassados possuíam apenas um par de roupas para usar em casa e outro para sair, fato característico, não desta, mas de várias famílias pesquisadas e que contribuíram para a formação de Caçador e constituíram a história deste município. Outro fato importante é sua relação com a fé católica, pois sua devoção foi decisiva para apoio na construção da primeira igreja da comunidade.

Fonte:Arquivo familiar



Família Jorge João

Vieram para a cidade em 1926. Jorge João imigrou para o Brasil diretamente do Líbano, da cidade de Bazbina. Foi vendedor ambulante por alguns anos e, posteriormente, sócio da “Casa 3 Irmãos”, na atual Avenida Barão do Rio Branco (um dos primeiros moradores do local). Após isso, desligou-se da empresa para construir um estabelecimento comercial, denominado de “Casa São Jorge”. Em 1944, o estabelecimento foi construído em alvenaria (já que antes era de madeira), local existente até os dias atuais, na esquina da Avenida Barão do Rio Branco com a Rua Carlos Sperança. O ramo era o mesmo de muitas famílias, o de “secos e molhados”, no qual se vendia de tudo. Recebeu uma homenagem com uma rua em seu nome.

Fonte:Arquivo familiar



Loja de Novidades Jorge João - Década de 1940

REFERÊNCIAS

BORGES, Maria Eliza Linhares. História e Fotografia . Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem; tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru, SP : EDUSC, 2004.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange, Ferraz de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). O historiador e suas fontes. – São Paulo: Contexto, 2009.

FAUSTO, Boris. A História do Brasil. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter. (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ática, 1989.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. – Campinas: SP, Editora da Unicamp, 1990.

LEITE, Miriam Lifschitz Moreira. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. São Paulo: EDUSP, 2001.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996.

MAUAD, Ana Maria; CARDOSO, Ciro F. S. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C.F.S.; VAIFAS; R. (Org.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.